

## O Pai Natal fez uma birra!

Zacarias Emanuel ficou deslumbrado quando recebeu a notícia do seu chefe de que, naquele ano, seria ele a entregar as cartas de todas as crianças do mundo ao Pai Natal. Era a altura mais importante da sua carreira enquanto carteiro. Segundo as regras dos correios da Lapónia, cada carteiro tem a honra de fazer aquela distribuição e encontrar o Velhinho de barbas brancas. Mas esta honra só se tem uma vez. Zacarias Emanuel estava simultaneamente ansioso e nervoso. Imaginava a casa do Pai Natal num bosque com um arvoredado esguio e frondoso coberto de neve; em que cada árvore estava decorada com fitas coloridas, bolas de vários tamanhos e luzes deslumbrantes; renas que pastavam calmamente e duendes que andavam numa grande azáfama sob as ordens do Pai Natal.

Pelas sete da manhã, Zacarias Emanuel carregou o seu trenó com sacas de cartas vindas do mundo inteiro, agasalhou-se e partiu radiante. Levou três longas horas até chegar ao seu destino. Zacarias, ao chegar ao bosque, ficou chocado! Tudo quanto ele imaginou não existia: o bosque estava numa tristeza profunda, frio, escuro e silencioso, até foi confirmar no seu GPS se estava no bosque correto. Estava. As lágrimas rolaram pela face rosada do frio. Que decepção! Até que ouviu uma voz masculina estridente e irritada que tinha origem na casa pintada de vermelho e branco na ala direita do bosque. Zacarias aproximou-se e bateu à porta. Ao fim de uns minutos, uma senhora vestida de vermelho, com um gorro da mesma cor no topo da cabeça abriu-lhe a porta. Era a famosa e formosa Mãe Natal, a governanta do Pai Natal.

- Entre e venha beber um chocolate quente, pois está muito frio. – Ordenou aquela senhora.

Zacarias estava extasiado e obedeceu. Lá dentro, no escritório, estava ele, gigantesco, pançudo mas furioso da vida, zangado, irritado, possesso, entre outros adjetivos.

- Ele está a fazer uma birra, porque ele entrega prendas e não recebe nenhuma! Está insuportável! – Desabafou a Mãe Natal.

- Não, não estou a ser birrento! Sinto-me injustiçado porque distribuo prendas para todo o mundo, para miúdos e graúdos, todos os anos, até obrigo-me a fazer dieta para que possa caber nas chaminés e, nunca, nunca, nunca recebi uma prenda que seja de ninguém!! Por isto, este ano recuso-me a dar ordens aos meus amigos duendes para que a fábrica possa produzir as prendas. – Vociferou o Pai Natal.

- Mas eu trouxe-lhe um trenó carregadinho de pedidos. – Atraveu-se a dizer Zacarias amedrontado.

- Não quero saber!!!!!!!!!! – Sentenciou o Velhinho de barbas brancas, batendo com a porta do escritório.

- E agora? – Inquiriu agoniado o carteiro.

- Boa pergunta. – Retorquiu a Mãe Natal. – Se calhar, teremos de adiar o Natal!

- Hum!?! – Verbalizou Zacarias incrédulo.

Zacarias Emanuel teve uma ideia: despejar todas as cartas e ver se alguma delas traria algo que pudesse animar o Pai Natal e fazê-lo mudar de ideias. A Mãe Natal, uma senhora despachada, chamou os duendes, acendeu a lareira e começaram a ler todas as cartas, em todas as línguas, pois os duendes são políglotas. Ao fim de muitas horas, Zacarias Emanuel encontrou algo... um postal com uma imagem diferente, uma cascata acastanhada que desembocava numa piscina larga e fumegante designada de Caldeira Velha, na Ribeira Grande, ilha de São Miguel. O postal tinha sido enviado por uma menina chamada Sofia Pereira que vivia naquela ilha e dizia «*Querido Pai Natal,*

*este ano não peço prendas especiais, apenas gostaria que viesses à minha terra usufruir das belezas naturais que ela oferece. Podes começar pela Caldeira Velha. Cá te espero!»*

Mal Zacarias Emanuel viu aquele convite, berrou pela Mãe Natal e pelos duendes. Os seus rostos encheram-se de alegria e de esperança. Foram logo contar, aos gritos e aos pulos, ao Pai Natal e informaram-lhe que ele recebera uma prenda única.

- Qual é? Um Iphone? Uma playstation? Um tablet?

- Não, um convite especial. Uma viagem à Caldeira Velha, em São Miguel. – Informou Zacarias Emanuel.

- Não sei onde fica. Vamos ao Google pesquisar. – Entusiasmou-me o Pai Natal.

- Não precisas! Hoje é dia dois de dezembro e vais de férias por uma semana para esta terra. Levas o meu iphone para entrares em contato connosco via *skype*. Ah!, Já agora levas o meu tapete de ioga, precisas de *iogar*, relaxar, e ganhar elasticidade para caberes nas chaminés. Andas a beber demasiado chocolate quente. – Ironizou a Mãe Natal.

Preparou-se o trenó com a sua inseparável Rudolfo, o fato de banho do Pai Natal e lá foi ele cruzando os céus do Atlântico até aterrar, pela noitinha. Observou uma zona de relevo acidentado, encaixada numa zona designada de Pico do Fogo. O espaço era atravessado por uma ribeira alimentada por nascentes invisíveis de água quente e com um cheiro único. Ao fundo, uma cascata majestosa de água acastanhada devido à abundância de ferro. Em volta uma vegetação verdejante e perfumada completava a imagem mais parecida com o paraíso. O Pai Natal despiu o seu pesado fato de veludo vermelho, pois estava cheio de calor e mergulhou nas revigorantes águas. Por ali ficou uma semana, entre banhos, caminhadas, explorações, fotografias no *facebook* e momentos de relaxamento com a prática de ioga naquele cenário único. Até a Rudolfo estabeleceu amizades com umas renas algo esquisitas, brancas e pretas, com pouco pelo...as vacas. Uma semana depois, estava na hora de regressar a casa. O Pai Natal voou até à Lapónia feliz e pronto para a sua tarefa: fomentar a magia do Natal.

A menina Sofia Pereira, recebeu algo único: um cartão assinado pelo Pai Natal a agradecer-lhe a prenda e já lhe pediu uma nova sugestão para que ele possa passar mais uma temporada na ilha. A Sofia pensa em aconselhar-lhe a vinda à Lagoa do Fogo.

Há quem diga que, no dia de Natal, a Caldeira Velha fecha ao público para que o Pai Natal recupere as suas forças tomando um grande banho debaixo da cascata de água quente e férrea após a entrega das prendas. Afinal, é necessário respeitar a privacidade do Pai Natal.

Sofia Sousa Pereira